

Espaço do Estudo na Aceleração do Tempo¹

Rogério Pelizzari de ANDRADE²
Universidade de São Paulo, SP

Resumo

Autores como Crary se dedicam ao tema da aceleração do tempo e seus efeitos nas sociedades contemporâneas. O acúmulo de atividades não apenas comprimiu os prazos e intervalos para a realização das coisas, como também teve como consequência a simultaneidade e a sobreposição. As novas tecnologias de comunicação, com suas promessas de conectividade e de continuidade, foram determinantes para a consolidação do sujeito neoliberal, que, para Dardot e Laval, seria um empreendedor de si mesmo, sempre em processo de prospecção. A partir desta perspectiva, buscamos refletir sobre a aceleração no tempo que os alunos reservam aos estudos fora do ambiente escolar. Para tanto, aplicamos uma pesquisa que envolveu alunos dos ensinos fundamental, médio e superior, com o objetivo de verificar como a preparação para as provas é afetada pelas múltiplas possibilidades de interação oferecidas por tais dispositivos.

Palavras-chave: aceleração do tempo; educação; comunicação; tempo de estudo.

Da passividade à multiplicidade

Parece superada a ideia de que é preciso ser *somente* produtivo. Em nossos dias, devemos não *apenas* fazer *alguma coisa* o tempo todo. Temos de estar sempre ligados e, de preferência, fazendo *várias coisas*. Somos habituados a realizar simultaneamente uma série de atividades, que, com certa frequência, em nada se relacionam entre si.

Poderíamos utilizar como exemplo o próprio processo de produção deste artigo. Agora que alcanço estas linhas, que, apesar de estarem entre as primeiras lidas, são as últimas escritas, lembro como ele (o artigo) foi permeado por outros tantos afazeres. As diferentes trilhas sonoras escolhidas, as ocasiões em que a TV esteve ligada, que acessei a internet, que o telefone tocou ou que recebi alguma mensagem, que intercalei com a realização de tarefas domésticas como lavar e estender roupa, que tive de me dedicar também às demandas das empresas para as quais eu trabalho, em ambientes os mais diversos. Quatro casas diferentes, quartos de hotéis, escritórios, salas de embarque e

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando e mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, especialista em Gestão da Comunicação pela ECA/USP, graduado em Publicidade e Propaganda e em Jornalismo pela Universidade São Judas Tadeu, atualmente é assessor técnico da RTVE do Paraná e professor do Centro Universitário FIAM-FAAM. Email: rpelizzari@usp.br.

poltronas de avião, uma recepção médica e salas de aula foram cenários que testemunharam alguns dos parágrafos que seguem.

Se resgatarmos alguns dos principais estudos de comunicação que marcaram o século XX, mesmo entre campos e paradigmas diferentes, como o funcionalismo e as correntes críticas, na chamada sociedade de massa, o indivíduo era definido como *passivo* sempre que convertido à condição de receptor, audiência, ouvinte, leitor, destinatário e, sobretudo, de consumidor. O rádio e, em seguida, a televisão foram dois dos aparatos que melhor simbolizaram o tempo de ouvidos e olhos atentos às ondas do sinal analógico. Ambos foram protagonistas no processo de crescente isolamento entre as pessoas, distraídas umas das outras com as promessas de consumo, que chegavam de um terceiro na forma de sinais luminosos ou áudios sintonizáveis em AM e FM.

Os sujeitos do século XX, (i) descritos pelos frankfurtianos como *alienados*, impedidos de se tornarem “indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente.” (ADORNO, 1971, p.295); (ii) definidos pelos partidários da teoria da agulha hipodérmica, como *expostos e submetidos* a um modelo de comunicação que pode ter efeito uniforme, não raro “narcotizante”, uma vez que “cada elemento do público é pessoal e diretamente atingido pela mensagem”. (MILLS, 1975, p. 79); (iii) *doutrinados* pelos aparelhos ideológicos, que estão a serviço das classes dominantes e defendem seus interesses. (ALTHUSSER, 1998); e (iv) *disciplinados*, a partir da Idade Moderna, quando uma nova configuração social teve como consequência o surgimento dos chamados mecanismos de vigília. (FOUCAULT, 1987)

Mas o homem que habita o tempo do neoliberalismo e que se converteu em homem neoliberal desenvolveu novas sensibilidades e formas de pertencimento. As ideias de Estado mínimo e de livre mercado se consolidaram a partir de novas formas e de práticas de saber/poder (Foucault), que estimulam o “neosujeito” a se tornar “empresa de si mesmo”, voltado aos interesses pessoais, eminentemente econômicos. Como observam Dardot e Laval, “O homem benthamiano era o homem calculador do mercado e o homem produtivo das organizações industriais. O homem neoliberal é o homem competitivo.” (2016, p. 322)

Se a disseminação de uma visão de mundo tipicamente neoliberal foi determinante para que se consolidasse uma cultura pela competitividade, o tempo passou a ser preenchido com a preocupação quase obsessiva pela redução, pelo melhor aproveitamento, pelos *rankings* e recordes, que extrapolam os *desktops* dos escritórios, com seus gráficos e planilhas, para alcançar até mesmo a mais elementar das atividades do cotidiano.

Como o objetivo é ocupar o tempo da melhor forma possível, em algum momento o desafio também se estendeu à capacidade de executar o maior número possível de tarefas simultaneamente.

Crary procura demonstrar como determinadas críticas lançadas ao que se convencionou chamar de indústria cultural em boa medida teriam perdido a atualidade. A percepção de que seus produtos colaborariam para criar seres passivos e domesticados, que não reagem às promessas reducionistas e alienadoras, para o autor norte-americano, perderam o significado nos dias de hoje. Nossa marcha tomou outro sentido no momento em que assumimos papel ativo, executando diferentes atividades ao mesmo tempo, entre leituras, audições, reuniões, produções, discussões, execuções, exclusões...

A ideia de passarmos longos períodos exclusivamente no papel de espectadores é antiquada: é um tempo valioso demais para que não o alavanquemos com diversas fontes de solicitação e escolhas que maximizam as possibilidades de monetização e garantem a acumulação contínua de informações a respeito do usuário. (2015, p. 61)

Não seria de todo infundado postular que a febre pelas telas de *smartphones*, com seus prazeres digitais e variadas opções de conectividade é um dos desmembramentos mais atuais da experiência consumidora dos neosujeitos. Evolução comportamental, assimilação, enfim, um processo de ambientação dos indivíduos que, como Crary mesmo afirma, se deu graças à colaboração das outras tecnologias de comunicação que antecederam ou são contemporâneas à tecnologia móvel: jornal, revista, rádio, tv, computador, videogame, etc.

No transporte público, nas salas de aula, no ambiente de trabalho, na fila do banco, no horário do almoço, no banheiro, na sala, na cozinha, no cinema... Há quem se julgue impossibilitado de abrir mão das tuitadas, das curtidas e dos compartilhamentos até mesmo em momentos de maior intimidade. A compulsão por consumir, se informar e se entreter com a barra de rolagem do aparelho é incontrolável, inclusive, quando não há serviço disponível. Uma espécie de passatempo, o smartphone também pode servir de muleta em situação de deslocamento social, de constrangimento ou que tentamos evitar uma conversa com aquele conhecido indesejado.

Aceleração do tempo no tempo de estudar

Para Foucault, a escola é uma entre as tantas instituições por meio das quais os mecanismos disciplinares atuam. A educação, comumente associada à esperança de autonomia, contribui com o processo de assujeitamento. Ela seria responsável pela

edificação, naturalização e perpetuação de um saber formal, desenvolvido para preparar os educandos para viverem em conformidade com as regras e expectativas vigentes na sociedade.

O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes?” (FOUCAULT, 2009, p. 44-45)

Interessado na participação da escola como disseminadora de um “discurso com seus poderes e saberes”, que favorecem e reforçam os preceitos neoliberais, Peters afirma que ela *forma* pessoas para terem condições de atender às novas exigências do mercado. Dentre suas finalidades estaria garantir que os indivíduos em processo de formação assimilem uma maneira de estar no mundo que valorize a competitividade, a instrumentalização da vida e a defesa do Estado mínimo.

(...) o Estado tem retido seu poder institucional através de uma nova forma de individualização, na qual os seres humanos transformaram-se em sujeitos do mercado, sob o signo do Homo economicus. Esta é a base para compreender o ‘governo dos indivíduos’ na educação como uma técnica ou uma forma de poder que é promovida através da adoção de formas de mercado. (PETERS, 1994, p. 213)

No ambiente da educação formal, os saberes não circulam exclusivamente em função do conteúdo das aulas. As experiências trazidas de casa e a relação com os meios de comunicação, entre outros, compõem um leque variado de formas discursivas que acabam por complementar, reforçar e aperfeiçoar características favoráveis a este modelo de empresa de si.

Acostumados desde os primeiros anos de vida aos botões do controle remoto, às telas sensíveis dos aparelhos celulares, e com uma vida de um sem cessar de luzes, imagens e cores, os alunos revelam dificuldade para acompanhar as aulas. A dispersão se materializa nas conversas paralelas, no olhar perdido, no se debruçar na carteira, no ocupar-se do equipamento eletrônico.

A presença dos dispositivos se tornou cada vez mais comum em sala de aula no decorrer da última década e meia. O barateamento da tecnologia e a ampliação das formas de conexão, com o 4G e as redes *Wi-Fi*, contribuíram para a disseminação dos aparatos, inclusive já substituídos por gerações menores e mais eficientes.

Um indício deste crescimento pode ser observado na importância que as tomadas ganharam nos anos recentes. Réguas, benjamins, ts, fontes, extensões e filtros de linha transformaram os pontos de energia em verdadeira *cocheira* de aparelhos eletrônicos. O

emaranhado de fios e de celulares de marcas, modelos e tamanhos variados acabam por digitalizar o espaço de aula.

Se o comportamento é recorrente dentro da escola, tudo leva a crer que seja ainda mais comum fora dela. Em casa, os alunos têm acesso a uma quantidade maior de recursos tecnológicos, que permitem a interação e o consumo simultâneos. Televisores, rádios, DVDs e blu rays players, desktops e laptops com acesso à internet, ipods, tablets, videogames e celulares...

Longe do controle e das regras características do ambiente educacional, às vezes até sob a vigilância de um responsável, que tenta impor limites ao uso indiscriminado, o aprendiz de sujeito neoliberal convive em um ecossistema comunicativo, que abrange os outros moradores da casa, os vizinhos e os amigos do bairro. É a mãe que ouve rádio enquanto arruma a casa, a irmã mais velha que estuda com a televisão ligada, o pai que resolve questões de trabalho durante os encontros sociais ou enquanto dirige, entre outras e variadas possibilidades tão recorrentes no cotidiano da família e no seu entorno.

Os diferentes espaços pelos quais trafegamos são também locais de partilha, de experimentação e descoberta. Neles somos produzidos e reproduzimos heranças culturais, que incluem valores, formas discursivas e estilos de vida. Em casa, por exemplo, aprendemos sobre coisas que repetimos na escola, assim como na escola descobrimos coisas que retomaremos em casa. Em ambos os lugares nos é transmitido, transmitimos ou simplesmente ajudamos a perpetuar um conhecimento partilhado.

A pesquisa cuja face instrumental será apresentada a seguir se direciona ao tempo em que os alunos utilizam para estudar para a prova. Consideramos que se trata de uma experiência espacial e temporal específica, na qual o aluno retoma – ou deveria retomar – o conteúdo transmitido e a partir deste material se prepara para a avaliação a qual terá de submeter. Refiro-me, portanto, a um momento que não é o vivido em sala, durante o qual o professor se coloca na posição de intermediário entre o aluno e o programa da disciplina, mas aquele em que o próprio estudante, no encontro consigo mesmo, busca exercitar e aperfeiçoar o conhecimento apreendido.

O que pretendo verificar é o quanto este tempo de estudo é compartilhado com outras práticas de comunicação e consumo. Em que medida esta prática cotidiana é impactada pelas distintas e variadas formas de interação.

A pesquisa

Um questionário com vinte perguntas foi elaborado com a expectativa de se compreender o quanto o tempo de estudo fora da escola é compartilhado com outras atividades, sobretudo associadas às tecnologias de comunicação, que estimulam diferentes formas de interatividade, não raro dissociadas do conteúdo de estudo. Diálogos com pessoas de suas redes de contato, flertes, realização de atividades profissionais, consulta a canais de notícia, acesso a games, música, filmes, etc.

Das vinte questões, dezoito eram fechadas e duas ofereciam a opção “outros” além de três respostas pré-determinadas. Elas foram divididas em quatro blocos temáticos, que se organizavam da seguinte maneira:

1. **Perfil dos respondentes** – restritas à idade e ao sexo (questões 1 e 2);
2. **Espaço de estudo** – além de identificar os mais comuns e eventuais, verificar a disponibilidade de dispositivos que favorecem as sobreposições de atividades (questões 3 a 5);
3. **Tempo de estudo e outros tempos** – observar o quanto os jovens alunos se dedicam a estudar em relação a outras atividades, como assistir tv, ouvir rádio, acessar a internet e mexer no celular (questões 6 a 9); e
4. **Atividades simultâneas** – levantar indícios do quanto elas são comuns, se existem mídias com mais predisposição a essa prática e qual o grau de abrangência desta simultaneidade (questões 10 a 20).

A pesquisa foi aplicada em estudantes com idade entre 11 e 29 anos, que cursavam (i) o sexto ano do ensino fundamental, (ii) todas as séries do ensino médio, e (iii) o terceiro semestre do ensino superior. Os dois primeiros grupos eram formados por alunos da Escola Estadual Visconde de Itaúna e o último pertencia ao curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário FIAM FAAM, ambas as instituições localizadas na cidade de São Paulo.

A amostra foi definida a partir três momentos da vida estudantil, com o propósito de se identificar eventuais diferenças e similaridades entre eles, bem como se é possível observar já nos mais jovens indícios da aceleração do tempo, que se acentuaria ao longo dos anos seguintes.

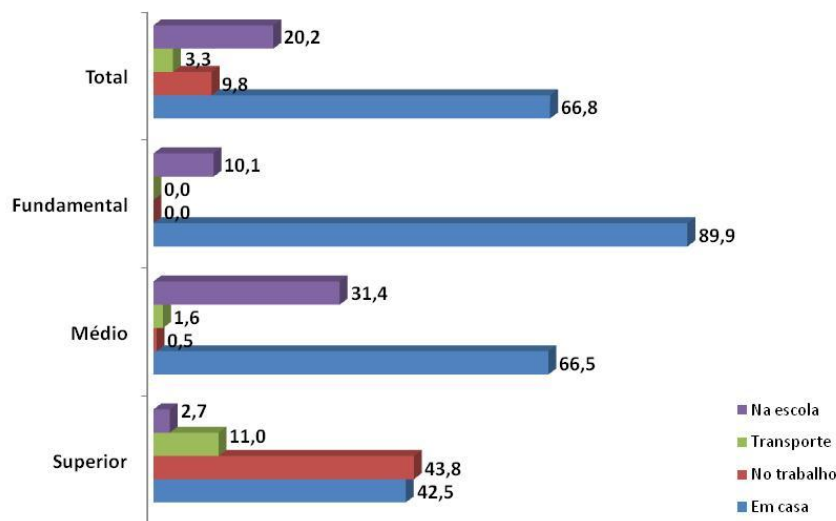
Uma vez que não tínhamos qualquer pretensão estatística, também foi levada em consideração a questão do acesso. Sou professor do referido centro universitário e a unidade

escolar não foi selecionada a partir de qualquer variável diferenciadora senão a facilidade de contato com a direção, assim como a disponibilidade apontada por ela de horário, de turmas e do número de alunos que participaria.

Por esta razão, não optamos pela distribuição igualitária da quantidade de respondentes no que se refere aos três grupos. Dos 340 participantes, 22,9% pertenciam ao ensino fundamental, 55,6% ao ensino médio e 22,9% ao ensino superior.

A própria casa foi apontada por 66,8% do total de alunos que fizeram parte do levantamento como o local mais utilizado quando eles estudam para a prova. Analisados separadamente, os dados revelam que quanto mais jovens e mais próximos das séries iniciais, este ambiente tende a ser o mais frequentado. Dentre estudantes do sexto ano, o percentual alcança quase os 90%, caindo gradativamente até ser ultrapassado pelo trabalho (43,8%) se consideradas apenas as respostas dos universitários. Curiosamente, neste mesmo grupo, todos os que assinalaram a opção “outros” (11%) mencionaram algum tipo de meio de transporte público como local em que mais estudam.

GRÁFICO 1 – Onde você costuma estudar para a prova?



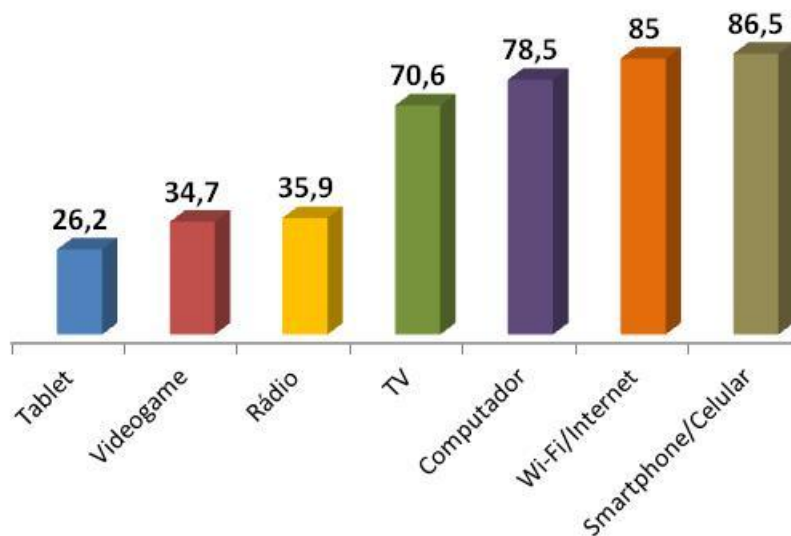
O trabalho, por si, é um ambiente mais propício à realização de múltiplas atividades ao mesmo tempo. Ele normalmente é organizado de maneira que várias pessoas convivam juntas. Além disso, os dispositivos, como o telefone e o computador, o som ambiente e as atividades profissionais tendem a anular as chances de dedicação exclusiva ao estudo.

Em relação aos respondentes que mencionaram o metrô e o ônibus como locais utilizados para se prepararem para as provas, gostaríamos de mencionar dois pontos. Em primeiro lugar, que talvez o percentual fosse superior se eles estivessem entre as opções

fixas. Em segundo lugar, que o uso do transporte público como *meio* para estudar revela o caráter transitório e compartilhado da ação. Isto porque ela é realizada em trânsito, no trajeto entre um lugar e outro, ao lado de dezenas, centenas, muitas vezes de algumas centenas de pessoas, sob a influência do som ambiente, das diferentes paisagens, dos avisos eletrônicos, do reclame dos ambulantes, às vezes dos fones de ouvido ou das incontáveis formas de distração que um aparelho celular pode oferecer.

O quarto é o local da casa ao qual mais se recorre para estudar. Em média, 65,2% escolheram a alternativa. Entre os universitários, 81,3%. Mas, se o resultado poderia sugerir que os estudantes teriam maiores condições de se dedicar aos livros, às anotações de aula e aos cadernos de exercício, já que estariam isolados fisicamente de outros moradores e de possíveis distrações, ao serem confrontados com uma lista de dispositivos de comunicação para assinalar aqueles que estão presentes neste mesmo ambiente de estudos, todos, sem exceção, mencionaram ao menos dois.

GRÁFICO 2 – Você tem acesso a quais dos recursos abaixo no local?

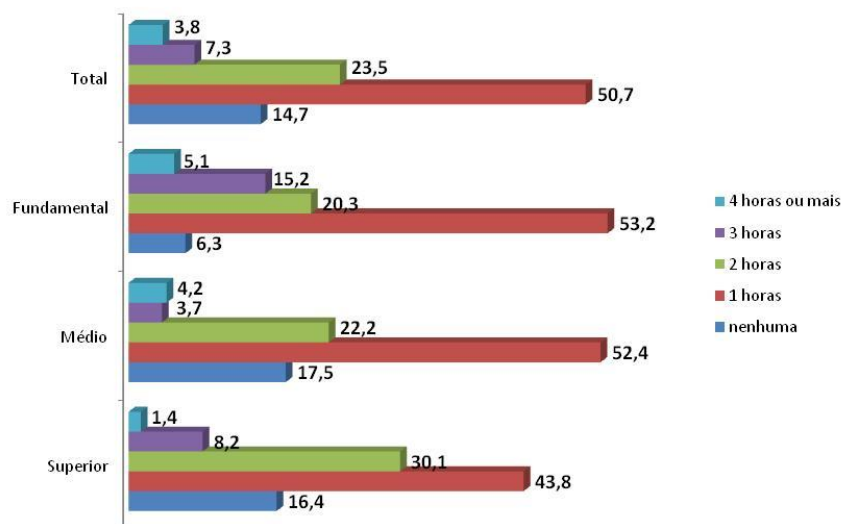


O rádio, a TV, o computador e principalmente os aparelhos celulares são companhias que tendem a compor uma atmosfera bastante favorável à sobreposição e à simultaneidade. Mesmo entre os alunos mais jovens, a exposição a tais aparatos é bastante intensa. Ainda que sofram algum tipo de controle por parte dos adultos com quem convivem e que, muitas vezes, limitariam o acesso, com o estabelecimento de horários e quantidade de tempo para consumi-los, a experiência pode ser vista como parte do processo de *educação* em aceleração do tempo. Eles não apenas interagem com suas telas *touch*, seus controles

remotos, seus teclados e sintonizadores, mas também observam as outras pessoas do seu círculo social em suas práticas cotidianas, quase sempre permeadas pela multiplicidade e pela descontinuidade, com a intermediação dos recursos tecnológicos modernos e sua disposição para a convergência.

O tempo que os participantes da pesquisa destinam aos estudos é bastante inferior ao que normalmente utilizam consumindo produtos midiáticos. Em média, mais de dois terços disseram que, durante o período de prova, reservam até duas horas do dia às obrigações escolares. No outro extremo, quase 15% dizem que simplesmente não estudam fora da sala de aula.

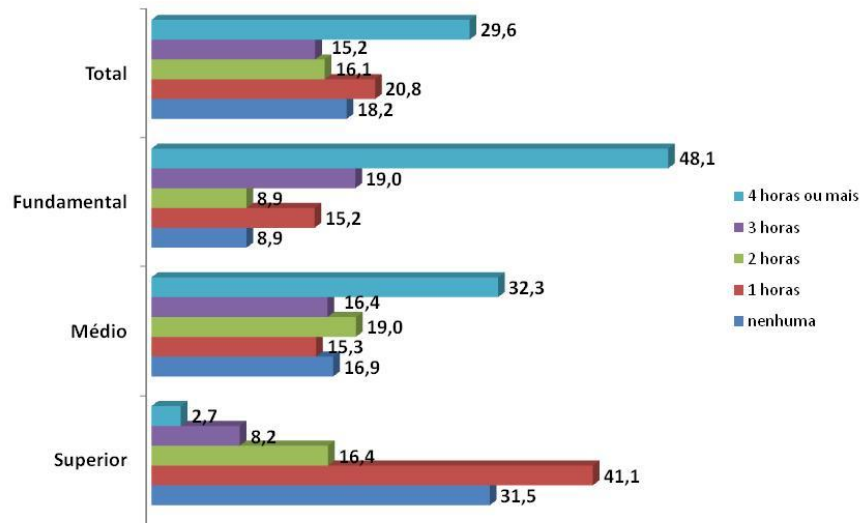
GRÁFICO 3 – Quantas horas você estuda, por dia, quando está fora da escola?



Quando analisadas as informações a respeito do tempo em que esses mesmos jovens assistem à TV, ouvem música e navegam na internet, verificamos que pelo menos 60% interagem com tais meios duas horas ou mais.

Dentre as informações que mais chamam atenção está a escala descendente da assiduidade no que se refere à televisão, que é maior para os que cursam o ensino fundamental e menor entre os universitários. Aqueles que disseram manter seus aparelhos ligados por quatro horas ou mais foram de 48,1% e 2,7% respectivamente.

GRÁFICO 4 – Você assiste à TV quantas horas por dia?



Ao menos dois elementos merecem ser apontados como justificativa para a queda abrupta. O primeiro é o fato de que, por serem mais novos, os alunos do sexto ano podem ter uma rotina mais restrita ao ambiente familiar. Eles estão mais em casa e têm mais tempo para assistir TV. Na medida em que amadurecem, aumentam as relações sociais e, a partir de certa idade, eles iniciam algum tipo de atividade profissional, o que acaba por reduzir progressivamente o tempo ocioso ou ainda que permaneçam dentro de casa.

O segundo tem a ver com o acesso. A maturidade também representa a possibilidade, para estes jovens, de posse e maior interatividade, quando conquistam acesso a outros dispositivos, sobretudo aparelhos móveis e com acesso à internet.

Não são poucos os estudos que demonstram que a TV, ainda hoje considerada um meio de comunicação de massa de grande influência no mundo, que recebe os maiores investimentos em publicidade e que ao longo de muitas décadas só viu crescer os números de audiência, está perdendo espaço para novas tecnologias. No mínimo, há que se considerar que a forma de se consumir televisão jamais será a mesma. Dispositivos menores, com melhor definição, ampla variedade de recursos, convergentes com outras formas de mídia e que dispensam as limitações das tecnologias fixas, por não dependerem nem de cabo de energia, tão pouco de antena.

Para Crary, embora tenha perdido espaço, a TV desempenhou importante papel na escalada da aceleração do tempo a partir de meados do século XX. Ela exerceu e ainda continua a exercer uma espécie de função *inicializadora*³ neste processo de interação

³ Não por acaso nos valem do vocábulo tão usual aos profissionais de tecnologia da informação.

simultânea. Segundo o autor, a televisão “redefiniu o significado de pertencimento”, de forma que “a cidadania” teria sido “suplantada pela condição de espectador.” (2015, pág.88)

Partindo de uma perspectiva foucaultiana, que aponta os mecanismos disciplinares como elemento característico das sociedades modernas, Crary sugere que o homem foi e é preparado para se adaptar e reconhecer formas que sejam ao mesmo tempo reduzidas e variadas de estar no mundo, de experimentá-lo: “Toda miríade de formas de passar, usar, desperdiçar, aguentar ou dividir o tempo antes da televisão foi substituída por modos mais uniformes de duração e por um estreitamento da capacidade de reação sensorial.” (Idem, pág. 88)

Neste sentido, cremos ser válido especular que ainda hoje o meio televisivo desempenha importante papel neste processo. Ao lado de outros dispositivos, ele contribui com a *inicialização* das crianças, desde os primeiros meses de vida colocados em frente às telas e seus controles remotos, com muitos canais, alguns deles interativos, com programação que naturalmente encontra ressonância em outros aparatos, plataformas e que tais.

Não é à toa que mais de 70% dos estudantes do ensino médio e superior tenham dito que costumam navegar na internet quatro horas ou mais todos os dias. Já bastante familiarizados com os modos de acesso, pesquisa e interação com estes dispositivos, herdados e praticados ainda nos estágios iniciais de contato com o mundo midiático, eles anseiam alcançar novos patamares, onde terão um leque maior de recursos à disposição e poderão repetir o comportamento de outras pessoas com as quais lidam todos os dias.

Uma parcela expressiva dos alunos respondeu que realiza algum tipo de interação com meios de comunicação no período reservado aos estudos. Os índices chegaram à casa dos 85% nas questões que envolviam a navegação na internet e o uso de celular. Também verificamos a mesma tendência observada anteriormente, com os mais jovens tendo maior interatividade com a televisão e a progressiva transferência para os meios digitais na medida em que avançam para o ensino superior.

GRÁFICO 5 – Você assiste à TV enquanto está estudando?

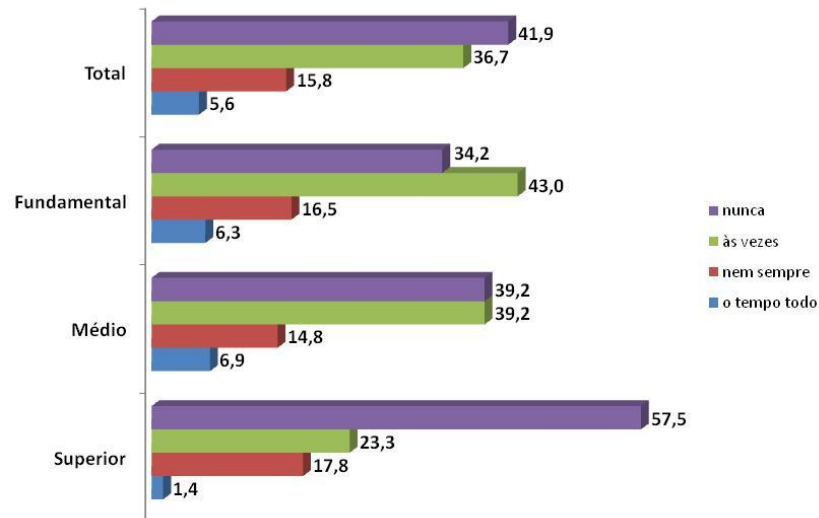
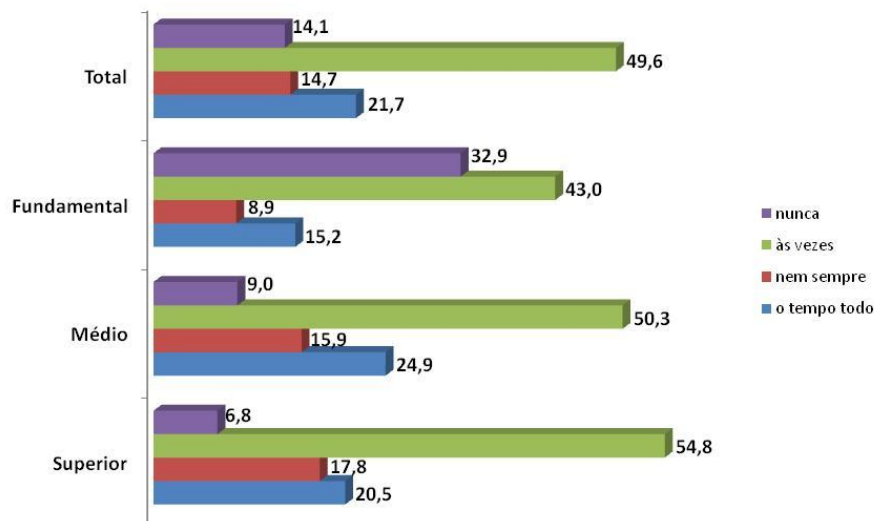


GRÁFICO 6 – Você navega na internet enquanto está estudando?



É interessante notar que no caso da internet, já entre os alunos do ensino fundamental, é baixo o percentual daqueles que nunca navegam enquanto estudam (32,9%) e que quase a totalidade, entre os do ensino superior, responderam que pelo menos, “às vezes”, acessam a internet enquanto estudam.

Ainda que se argumente que o estudante poderia utilizar o meio para, por exemplo, fazer uma pesquisa sobre o conteúdo ou, como se costuma dizer, sobre a “matéria”, é importante esclarecer, que, durante a aplicação do questionário, frisamos que o uso da internet não era com esta finalidade, mas sim para trocar mensagens com amigos, acessar blogs, perfis em redes sociais, etc.

Ao serem questionados se interagem com mais de um meio simultaneamente, pouco mais de 65% reconheceram cultivar o hábito, mesmo que esporádico, de estudar ao mesmo tempo em que assistem TV e mexem no celular. O percentual já inicia na faixa dos 40% na educação fundamental, ultrapassa os 61% na média e curiosamente recua para 56,2% na superior.

Admitimos mais uma vez que a pesquisa não nos permite generalizar. Em todo o caso, acreditamos que mereça atenção um possível indicativo de que existe, hoje, uma zona intermediária na qual se situam aqueles que ainda vivenciam com certa intensidade os primeiros estágios e, portanto, *inicializadores* da aceleração do tempo, tais quais os experimentados com a TV e, talvez, já com o microcomputador, que para muitos é tecnologia em processo de declínio; mas que também já assimilaram novas maneiras de pertencimento, com a multiplicação das simultaneidades proporcionada até mesmo pelo mais básico modelo de *smartphone* e todas as facilidades acessíveis graças às conexões por rede *Wi-Fi*; *smartphone* que circula com o jovem ao qual pertence por qualquer ambiente que ele esteja, sempre sendo consultado, utilizado, carregado, nunca desligado, a não ser quando, e de forma cada vez mais precoce, é sepultado, dando lugar a um novo, mais potente, capaz de atender a igualmente novas e também sofisticadas formas de interação, necessariamente mais aceleradas, como um longo parágrafo só de vírgulas, no máximo dois pontos e vírgula, nenhum ponto, sem final.

Aceleração final

O tempo do estudo não está isento da aceleração. Não dispomos de pesquisas comparativas, que possam atestar que ele tenha sido reduzido, nem sobre o crescimento do seu compartilhamento com outras experiências. Contudo, alguns dos resultados obtidos com o presente trabalho indicam que esta seja uma tendência e que talvez tenha se intensificado depois do desenvolvimento e barateamento das tecnologias móveis de comunicação.

Hoje, quando se senta para estudar, o aluno tem ao seu redor e provavelmente ao alcance das mãos, mais de um meio de comunicação eletrônico. Como apontaram os resultados da pesquisa, ao menos dois terços disseram conviver com TV e computador, e mais de três quartos dispõem de internet e *smartphone* no mesmo ambiente, que disputam atenção com caderno, lápis, borracha, caneta, livro... E é de se supor que prevaleçam, uma

vez que tais aparatos midiáticos são mais utilizados para o entretenimento e o lazer e, portanto, são mais prazerosos.

Pouco mais de 60%, entre aqueles que cursam o ensino superior, reserva entre zero e uma hora do dia para a retomada do conteúdo ministrado em aula tendo em vista a preparação para as provas. Tempo pequeno se comparado ao percentual, na mesma faixa de pesquisados, dos que se dedicam quatro horas ou mais a navegar na internet (80,8%). Tempo que se fragmenta e dispersa se considerarmos que a maioria deles também estuda no trabalho ou no transporte público. Tempo que se torna impossível de medir quando se constata que, além de tudo, é compartilhado regularmente com outros aparelhos, não raro, de forma simultânea.

Ao alcançar a vida adulta, a despeito de todas as falhas e limitações captáveis pelos diferentes instrumentos de medição da qualidade da educação, que se desdobram em siglas de organismos nacionais e internacionais, o jovem está apto a integrar a sociedade 24/7 em sua plenitude. Se não é o que poderíamos chamar de uma compensação por todas as notas baixas, pelo conteúdo chato e incompreensível das aulas e pela sensação persistente de incapacidade e impotência frente aos insucessos que só farão acumular ao longo da vida escolar, ao menos é um ambiente no qual ele pode se construir, se atualizar e se renovar todo o tempo, em geral, com a sensação de que tem o controle sobre o seu destino, porque ele atua, e decide, e compra, e transforma, de preferência, ao mesmo tempo.

(...) o que era consumismo se expandiu em direção à sociedade 24/7, baseada em técnicas de personalização, de individuação, de interação com máquinas e de comunicação obrigatória. Modelar-se a si mesmo é o trabalho a que todos somos obrigados, e com diligência aprovamos a prescrição de continuamente nos reinventarmos a nós mesmos e administrar nossas identidades intrincadas. Como notou Zygmunt Bauman, talvez não nos damos conta de que não temos a opção de recusar esse trabalho interminável. (CRARY, 2015, p. 82)

Os dados colhidos com a presente pesquisa sugerem que, ao longo do processo de formação, a aceleração do tempo é uma entre as outras tantas experiências típicas do processo de aprendizagem que vivenciam crianças, adolescentes e jovens adultos. Com aqueles que os rodeiam no ambiente familiar, na escola, com os amigos, no trabalho, etc, eles aprendem, por meio da experimentação inicialmente moderada por adultos e depois exercida com autonomia, a se perder para sempre do botão desligar.

Referência bibliográfica

- ADORNO, T.W. A indústria cultural. In: COHN, G. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Edusp, 1971, p. 287-295.
- ALTHUSSER. L. **Aparelhos ideológicos do estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- CRARY, J. **24/7 - Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- DARDOT, P. & LAVAL, C. **A nova razão do mundo – ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016, 321-376.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2009.
- MILLS, W. **A imaginação sociológica**. São Paulo: Zahar, 4ª ed., 1975.
- PETERS, M. Governamentalidade neoliberal e educação. In: SILVA, T.T. (org.) **O sujeito da educação – estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 111-124.